

O senso de verdade do conhecimento psicanalítico está fundado no logos filosófico (intelectivo) ou no logos estético? Estética e fé como fundamentos da crítica da verdade na psicanálise¹

The sense of truth of the psychoanalytic knowledge is established in the logos philosophical (intellective) or in the logos aesthetic? Aesthetic and faith as beddings of the critical one of the truth in the psychoanalysis

'Temos a arte para não perecer pela verdade.' (Nietzsche)

'Chegamos demasiado tarde para os deuses e demasiado cedo para o ser. Deste, o homem é o poema apenas iniciado.' (Heidegger)

'A questão da doutrina se coloca, sobretudo para os discípulos, que são escravos, servos dos seus mestres. Para os criadores, jamais. Os discípulos é que preservam os mestres em formol... os mestres mesmos são pessoas que arriscam a ruptura, claramente' (Joel Birman)

'Défiez toujours de la madame psychanalyse' – 'Desconfiem sempre da senhora psicanálise' (Lagache).

'Non ragionam di lor, ma guarda e passa.' *'Não reflitamos sobre eles, olha e passa.'* (Virgílio para Dante, Inferno, referindo-se aos que foram condenados ao inferno por sua neutralidade insípida).

'Gnothi seauton.' *'Conhece-te a ti mesmo.'* (Sócrates).

'Amicus Plato, sed magis amica veritas.' *'Amemos a Platão – grego - porém amemos mais a verdade. (Aristóteles, macedônio, da raça bárbara do norte).*

...'Um poldro que escoiceia a mãe depois de mamar-lhe todo o leite.' (Platão referindo-se a Aristóteles)

'Em todos nós, ainda nos de melhor natureza, subsiste a fera que durante nosso sono abre os olhos e espia.' (Platão).

...'Um imprestável que dá a sua família mais notoriedade do que pão.' (Xantipa, referindo-se ao esposo, Sócrates).

¹Escrito sobre senso-percepção, intelecção e subjetivação a propósito do conhecimento, do simbólico, do belo e da fé na psicanálise e filosofia como práxis crítica. Trabalho realizado para exposição na Terceira Jornada do CIPT - PoA- RS, setembro de 2001.

'A arte não reproduz o visível (ou o invisível), ela torna visível' (Paul Klee)

'Do mesmo modo como o homem primitivo sobrevive potencialmente em cada indivíduo, a horda primeva pode mais uma vez surgir de qualquer reunião fortuita' (Freud)

'Estritamente falando não existem três tempos, o passado, o presente e o futuro, mas somente três presentes: O presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro' (Confissões, XI, 20, 1 Santo Agostinho)

Juliano Fontanari

Resumo: O autor discute, a partir da clínica psicanalítica, o balizamento da verdade na teorização psicanalítica que supõe estar na estética (ética) e na fé que operam na superfície como reguladores do sentido (o núcleo mais duro do significado). O fundamento da discussão esta na obra de Bion e Meltzer. Revisa os conceitos filosóficos presentes na obra de Freud, bem como a importância que dava aos escritores e poetas, assinalando a diferença entre ver-sentir e ver-pensar, observar e intuir.

Summary: The author argues, from the psychoanalytic clinic, the orientation lighting of the truth in the psychoanalytic theorization that assumes to be in the aesthetic one (ethical) and in the faith that operate in the surface as regulating of the direction (the nucleus hardest of the meaning). The bedding of the quarrel this in the workmanship of Bion and Meltzer. Revises the philosophical concepts gifts in the workmanship of Freud, as well as the importance that gave to the writers and poets, designating the difference between see-feeling and see-thinking, to observe and to intuit.

Descritores: Ciência, filosofia, hermenêutica, epistemologia psicanalítica e poesia.

Keywords: Science, philosophy, hermeneutics, psychoanalytic epistemology and poetry.

Este estudo se ocupa do seguinte:

- (1) Como é o objeto de estudo da psicanálise? Que forma ele tem, como ele é?
- (2) A pergunta anterior deve supor que estamos perguntando sobre como nossa consciência vê o nosso inconsciente mesmo e o do outro, como ele se manifesta na nossa consciência.
- (3) Quais instrumentos já descritos em muitas áreas de conhecimento são usados para que possamos acessar o inconsciente?
- (4) Esta pergunta supõe que o conceito de inconsciente foi construído ao longo de milênios, mas nomeado, definido em suas regularidades estruturais e invariantes e socializado por Freud, a serviço da medicina, face ao seu potencial explicativo.
- (5) Que senso-percepção indicava a existência do inconsciente e onde estão estes dados?

Como ensaios preliminares de resposta, sustentamos que a estética² (e a ética) - diferentemente da inteligência e da razão e ciência - são as áreas onde o inconsciente emerge para a consciência, operando como marcadores da verdade em qualquer área do conhecimento. Sustentamos que o uso do conhecimento do inconsciente através do domínio de suas invariantes no tratamento psicanalítico simplesmente *torna visível*, como o pintor que, ao criar sua obra *não reproduz o visível, torna visível*. Daí decorre as dificuldades com a transmissão do conhecimento psicanalítico, exatamente superponíveis à tarefa de ensinar, no sentido pleno, vivido, *estética*. Estes achados são *óbvios, evidentes* - ambas as palavras se referem à visualidade - e já está manifesto nas *idéias* - que é uma palavra que também se refere à visualidade - de *insight* e desvelamento - tirar o véu, abrir as pálpebras. Sem estes marcadores de verdade não há definição do que seja conhecimento; são eles que o delimitam.

Face às dificuldades do tema, optamos por modos de relato, incluindo o diálogo, que permitisse à linguagem escrita que ficasse encharcada de sensações, senso-percepção, estética, cognição e reflexão, pois pareceu-nos o único modo de aprisionar a evanescência de princípios determinantes do humano na sua civilidade.

² Do grego *aisthetikós*, 'que sente, que compreende', 'sensível'

Existem inúmeras manifestações míticas sobre a proibição do conhecimento (K): Édipo, Prometeu, Babel, o mito cristão da expulsão do paraíso após comer a fruta do conhecimento... da diferença de sexos. Podemos entender os sistemas religiosos – obsessivos, cerimoniais, viscosos, como barricadas contra Eros em K. As institucionalizações com *cerquinha branca*, o narcisismo das pequenas diferenças, os supostos básicos de dependência, messianismo e luta-fuga tem neste algoritmo – não comerás a fruta do conhecimento - sua vertente. Menos K é do dia-a-dia da tarefa psicanalítica e considerem ainda não-K. *Aburrido* - *Oh. Que saco. Lá vem ele com mais um simpósio. (Simpósio para Platão é banquete e alertamos que ocasionalmente alguns objetos internos do autor invadirão o texto).*

Porque resistimos tanto ao conhecimento? Esta pergunta fundamental é marcante da obra de Sócrates e citada de passagem por Freud:

'A neurose não é senão a consequência de uma espécie de ignorância de certos processos psíquicos que deveriam ser conhecidos pelo sujeito, definição que se aproximaria muito da teoria socrática segundo a qual o vício mesmo seria o efeito da ignorância'.

Lembremos, *filos* é amigo e *sofia*, conhecimento. O quê nos impede de exercer a maiêutica socrática, de parir as idéias, a dialética platônica do perguntar, perguntar, buscar as respostas; ir lapidando conceitos e nos obriga a permanecer ignorantes? Porque não podemos aguardar a experiência emocional, tolerar a frustração de que o máximo que conseguiremos é perguntar? Também, o sentido último da crítica filosófica (e ação psicanalítica) é a busca do conhecimento vivido (O) – Origem -e não do simplesmente notado, relatado, motivo de atenção ou investigação (K), enciclopedismo.

A explicação freudiana implica o problema na investigação da sexualidade, nas teorias sexuais infantis e na repressão, o que ocasionaria a pobreza simbólica de acesso e representação do mundo, tão bem desenvolvido no conceito kleiniano de sublimações primárias. Não devemos esquecer que

os primeiros movimentos para o conhecimento se dirigem para o mundo, depois para o corpo e só muito tardiamente - e só recentemente para o *corpus* de teorias - para a mente.

Ele vem de fora para dentro, intermediado pelo espelho dos olhos da mãe, que gera esta instância psíquica social que chamamos consciência. Conhecer é como estar às voltas com a figura combinada, com a mãe com

pênis, mitos gerados por teorias modernas, mas nem por isto menos horripilantes. A *curiosidade* tornou-se um elemento por demais importante para não ocupar um lugar especial como elemento de evocação teórica e acrescentou-se como componente autônomo da psicanálise bioniana: K. O próprio cisalhamento do ego descrito por Bion na *fase psicótica* é uma tentativa, um procedimento para destruir o conhecimento, não acessar o mundo interno ou externo. A inveja, naturalmente, seria uma explicação mais direta e instrumental deste processo de desmantelamento. Só que, se atentarmos bem, veremos que o ataque a K opera a partir da estética, da ética e da fé, e é a partir disto que se constrói o falso, a coluna 2 da grade.

Ainda temos duas questões fundamentais atreladas ao problema do conhecimento; no mínimo duas questões e que são triviais apenas na aparência. *Ética* e sua parença, a *estética* – embora o abelheiro filosófico em que esta afirmação nos atira – e o problema da *Fé*. Estes conceitos, naturalmente, estão no entorno da delimitação da *Verdade*. O problema do atrelamento ocorre na medida em que o conhecimento é marcado e demarcado como tal por ideais não ligados necessariamente à lógica e à matemática, as senhoras das ciências naturais que são dóceis ao manuseio da álgebra e das geometrias. Logos (logos ou *Logus*), diz de conceito ou palavra e foi traduzido na Bíblia como *verbo*; na filosofia medieval; refere-se à razão divina que atua como princípio ordenador do universo. No estoicismo diz de *razão, inteligência, formas platônicas da mente divina*. Retornemos à questão de que todo conhecimento da subjetividade está demarcado e tem como seu fiel, como indicador de verdade, a *estética*. Um exemplo elementar: Se quisermos saber se uma dada forma gramatical é compatível, é verdadeira para o português, o que fazemos? Perguntamos para um falante nativo do português e ele nos dirá. E tudo fundado no seu sentido de *se soa bem ou não*, reconhecido como a *intuição* – apreensão imediata - *do falante nativo*.

Ora, quase tudo que ocorre nos encontros psicanalíticos são explicações posteriores ao ocorrido ou sobre o encontro anterior ou anterior ou anterior, que não fora elaborado. E o ônus do problema se desloca para o quê se pergunta, como se equaciona o ocorrido, *como fazer para que fique visível*, qual a pergunta que *soaria melhor*. O critério é *estético*. E não haveria movimento algum destes elementos não fosse a *Fé*, a música de fundo. *Entusiasmo* é o que desejamos para nos mover; termo que tem sua etimologia em *en theos, incorporando Deus*, inundando – e *inundado* - de energia pelo processo de *idealização*. E *contemplação* é o próprio ato de devoção, idealização, nos templos.

Anna Martha:

Isto de idealização já está na teoria kleiniana faz muito, da fé, da fusão do ideal de ego com o ego. Mas é por isto que a

recomendação de um bioniano é prestar atenção na sala e deixar a periferia do campo visual ao paciente como se faz na penumbra dos templos. Se tivermos entusiasmo para tal, teremos a revelação marcada pela estética

Talvez um melhor modo de perguntar sobre as origens de nossa resistência a conhecer seria procurar os pressupostos de nossa pergunta fora do individual – onde as perguntas e respostas que temos são boas aproximações de O que sempre será individuais eis que os grupos, instituições, o social não tem consciência - quiçá devêssemos buscá-las em nossas amarras coletivas (éticas e estéticas). A psicanálise não tem conseguido ascender à área do poder, da política. Platão desistiu de tudo para se dedicar à política e, como sabemos, não foi muito longe. Enquanto a psicanálise, a serviço de Eros, depende de pensamento e linguagem, os grandes grupos são movimentos, pulsões e voltados a Tântatos.

Haverá lugar para a verdade, o alimento do self, em sistemas ávidos por poder, exclusão e cujo sentido é o prazer da perversão da ação da pulsão pura? Onde o fundamento é a crença na superioridade de alguns sobre outros e estes interesses devem permanecer não elucidados, desmentidos? Não existem grupos neuróticos; grupos ou cumprem tarefas ou, da perspectiva do modelo individual, são psicóticos.

Este estudo ocupa-se de um perguntar sobre nossa resistência, enquanto indivíduos, a conhecer e seus indicadores de ocorrência (do conhecer), a estética e a verdade impulsionadas pela fé. E nestes movimentos, a filosofia e a psicanálise têm a mesma face. *Isto não pode ser socializado.* (berra do sótão o observador não participante que assistira as idas-e-vindas da elaboração do estudo, cômico de que é necessário um pano de fundo – uma tela, uma pintura - para fundamentar o texto). *Quem autorizou as gravações feitas pelo aparelho intuitivo? Vão descobrir como eu vejo e ouço o mundo. Temos de votar diz Phanesthiel, depois de tranqüilizar o observador... pois o problema não é o que se ouve ou vê, o problema é o que se intuí pois só a intuição revela quem de fato somos. Lembra que Tirésias era cego e teria sabido toda a história se também fosse surdo... Está ficando cada vez mais claro que o perigo é de fato o conhecimento. Ele matou Édipo e a Esfinge. Rosa do Lado propõe três hipóteses. *Suprime-se (a) tudo; (b) só o que foi falado e (c) só o que foi visto.* (confusão). Lírio do Sul propõe a inversão: (a) só o que foi ouvido e (b) só o que foi mostrado. Aburrido sugere o que foi sentido. Protesto unânime pois é consenso que fora do visual e do auditivo não há ciência; não há psicanálise e que a psicanálise clássica é da área da palavra e começa a discussão sobre o lugar do intuído, sobre o lugar dos*

românticos com a estética e as paixões... Thomichas - (todos param pois ele é pré-concepção) –

Insisto que tem de ter um lugar para a estética e para a fé. Pois a psicanálise é uma tentativa de inverter a afirmação de Hume de que somos controlados, estamos submetidos a nossas paixões - é uma tentativa de civilizá-las, amarrá-las ao estético e a sua verdade. O humano, o civis, começa com a docilização pela estética. Vamos relatar só o que nos enlevou em fé e só o que achamos belo, que a fé (revelação), o belo e a verdade são sinônimos. Tudo o que queremos é nos alimentar da verdade, o verdadeiro alimento do self.

Todos protestam pois não há consenso sobre o que poderá ser publicado (socializado) a partir da senso-percepção de cada um, só a partir de um consenso que propõem chamar de *fato selecionado*; exatamente conforme Hume. Quando todos chegarem a uma mesma senso-percepção da subjetividade sobre um dado fato, este fato será chamado de *fato selecionado* e sua relação com outros fatos, *conjunção constante*. Sobre o problema de como relatar a publicação, da forma, o invólucro, a linguagem, mais discussão. Vitinho argumenta que

a língua é comum, a fala é individual; a língua suporta uma teoria geral, uma ciência, a fala só suporta uma hermenêutica. Só a hermenêutica dará o sentido do que não foi ouvido e do que não foi mostrado. (protestos). Como então expressar o privado, o humano, em sistemas gerais?

Sobre o que não se pode falar, deve-se calar, grita Thomichas, é a sétima tese do Tractatus de Wittgenstein. Que já é muita onda. Ou decidimos o que falar ou calamos. Anna Martha –

Acho que o que deveríamos ter feito era discutir como fazer para que o sentido aprisione o humano, roube-o do tempo. Parece-me que a proposição kantiana de que conceitos sem intuições são vazios e intuições sem conceitos são cegas já resolveu tudo isso aí de mente e senso-percepção faz muito. Ou então, Cassirer na sua Filosofia das Formas Simbólicas - A Linguagem, sobre os limites do simbolizável, a simbolização e a construção da consciência para aprisionar a coisa-em-si que, de qualquer modo, sempre será incognoscível e sempre escapará da rede do simbólico. Acho que o único valor deste estudo é separar o ver-sentir, o ouvir-sentir do ver-pensar e do ouvir-pensar. O ver-sentir e ouvir-sentir são um intuir. A psicanálise é este salto no escuro que pretende o pensar do intuir. Vitinho – É, olha só quantas palavras ele está gastando

para calibrar o instrumento intuível com parâmetros como verdade, belo e senso-comum para apenas dizer que pode haver O que, no final, ele não conseguirá distinguir do belo. Agora, veja que ainda haverá mais sentido gerado pela práxis do relato, pelo dito na interação com o contexto. O próprio intuir já acionará novos sentidos simplesmente por ser pensado. Pois eu acho que o Kant invés de perguntar sobre os limites do conhecimento deveria perguntar porque resistimos tanto a saber, a aprender. Porque não podemos criticar? Porque não podemos ser criticados? O difícil tem sido manter a filosofia como práxis crítica. A psicanálise então. Como observa o magistral Burnet (1930): 'Em quase todos os setores da vida, a princípio, a corporação é tudo e o indivíduo, nada. Os povos do Oriente mal foram além deste estágio. Sua ciência, tal como é, é anônima, é a propriedade herdada de uma casta ou guilda³, e ainda vemos claramente, em alguns casos, que o mesmo outrora se dava com os gregos... A guilda se torna o que chamamos uma escola e o discípulo toma o lugar do aprendiz... (p.35)' Ainda estamos na época do mestre e do discípulo.

Guasca - (trata-se de um grosso malcriado e que mora nas ambigüidades semânticas). O autor... o daí de fora do texto. está me ouvindo.? Tente de novo que tu ainda vai conseguir dizer o tema desse texto onde tu nos aprisionou, tente... continue tentado. Uma perguntinha.? (dirigindo-se ao autor) Estou curioso. Diga-nos, aos seus humildes objetos internos, que motivo o leva a montar diálogos? Não poderias como os demais, fazer um estudo relatado e explicitado? Thomichas:

Sou o objeto interno que responde. É que todos os discursos sobre a consciência têm de necessariamente ser reflexivos – tem de ir e voltar – pois a consciência é ela mesma reflexão – e sempre supõe objetos internos interlocutores. O penso logo existo cartesiano é parcial; o total é penso, logo existes. Ora, qualquer discurso sobre a consciência ou sobre o que a consciência não conhece, a inconsciência, tem de ser no mínimo dual. Daí o diálogo. (Thomichas, a pré-concepção, é ovacionado).

Vitinho – (depois de longa reflexão):

Eu acho que estes estudos em que a gente se lembra do pai, do avô... fica parecido com aqueles velhos que repetem as

³ De *gilda* ou *ghilda*, latinização medieval de *gilde*, pelo francês *gilde*, associação de mutualidade constituída na Idade Média entre as corporações de operários, artesãos, negociantes ou artistas.

mesmas histórias; repetem as histórias porque perderam o futuro e o presente – por isto que o Freud chamou a repetição de realização da pulsão de morte. O que eu acho mesmo é que estas conversas de gregos... filósofos, sobre o passado, tudo em K é porque fugimos de O; não queremos saber que precisamos não estar em K para que nossos filhos sejam criativos e tenham futuro no sentido do devir desconhecido da palavra futuro e não no sentido de memórias do futuro. Este velhos não têm modelos para nos ajudar, nem poderiam tê-los; exigimos demais deles: Da me la luna. Será mesmo que em tempos que misturamos linguagem verbal com visual em sistemas computacionais em tempo real, quando assistimos ao vivo barbáries transmitidas globalmente, será que ainda há lugar para estes modelos? E os modelos criativos do futuro? Quando virão?

Thomichas:

Mas que maluquice, tu deseja um modelo em que dispensemos os velhos e fiquemos sem memória, não tenhamos futuro baseado nestas memórias, isto é fiquemos sem desejos – que já estavam proibidos mesmo, mas eliminamos o desejo de compreender também.? Sabes que para isto também tens de acrescentar – e que dispensemos também a representação. Aí ficarás como eu sou: pré-concepção, como O criador, como o Language Acquisition Device do Chomsky. Mas o que queres saber do paciente neste momento em que o saber já não será mais saber?

Anna Martha:

Acho que ele quer encontrar a fé como o devir do inconsciente. Ele acha que o saber atrapalha o ser; é isto que fez Bion distinguir transformação em K de transformação em O. Se a gente não fizer isso, não vamos conseguir ver o objeto da psicanálise: essa coisa que tem três dimensões como mostrou Bion. Algum tempo antes de ser expulso de Londres; Uma dimensão objetiva, científica – o ver-pensar – outra emotiva – estética, apaixonada – que não é o mesmo que contra-transferência e uma outra mítica, as histórias que acontecem em nós diante deste objeto; estas duas últimas – emotiva e mítica – podem se agrupar em algo que chamaríamos- retirado o preconceito – de dimensão mística.

O tema aproxima-se então do encontro da filosofia com a psicanálise e o vínculo comum, indestrutível de ambas, a *função crítica*. Haverá psicanálise sem função crítica, numa teoria fechada? E, nesta situação,

haverá filosofia? A questão é descrever como a mente no seu processo de simbolização busca o aprisionamento da coisa-em-si, de sua tentativa de encontro com *O* através de *experiências emocionais*, atos de fé que nos levam ao belo, à verdade e à fé mesma. Adiantamos que o que fica evidente – *evidente* significa visível – é que a psicanálise não faz mais do que tornar visível e para tal, necessita criar. Não há visibilidade sem criação.

Guasca (com muitos impropérios). Anna Martha:

Tu viu que isto que ele disse é feio. Este é o Logos estético. É feio. Mas e a verdade e o belo não é o mesmo? O falso e o feio não é o mesmo? Então ambos os Logos são filosóficos ou são estéticos; são iguais. Rastrear o feio até a castração é um discurso estético e não intelectual, lógico. Por isto que o discurso fálico-castrado do fóbico envolve tanto a imagem, o ser feio. A cabeça de medusa então. O que Freud fez foi aprisionar o estético no discurso biológico e centralizá-lo nos ideais de estruturas psicológicas mais evoluídas. Definitivamente não há ciência, não há lógica, não há matemática; apenas o tornar visível. E pode-se bem ver o fundamento ético com o conseqüente cisalhamento ideológico que sub-jaz ao estético.

Vitinho:

*Duvido que tu consigas dizer algo mais do que um perfume e que seja bom. Mesmo isto do futuro está dito e repetido por todos os existencialistas. O Merleau-Ponty, o primeiro tradutor da Klein para o francês, sobre o discurso do ver-sentir em oposição ao discurso da ciência do ver-pensar sustentou que 'não é que algum destino nos segure por trás... É que, em certo sentido, a primeira das pinturas ia até o fundo do porvir...' Ela diz muito mais. **O ver-sentir diz mais do que o ver-pensar.** De qualquer modo, tudo o que fazemos e que seja criativo vem do futuro e, portanto, esta fora do tempo vivido, não passível de ser aprisionado pela sintaxe...*

Phanesthiel – *Tudo bem, mas temos um problema teórico. Tu não achas que o tema da verdade – ética – deveria ficar na segunda fase anal, com a moralidade dos obsessivos, descambando morro abaixo com a preocupação com a justiça dos paranóicos? O belo com as histerofobias e a verdade com os obsessivos-paranóides. Acabou, não parece haver argumento para mais lugar onde por estética e ética nas demais estruturas ou sustentamos que seguem estes marcadores só que abandonando o socialismo e introduzindo o narcisismo? Rosa do Lado – É*

o que parece, os marcadores de verdade estéticos persistem ao longo de todas as formas do psiquismo, de todas as suas manifestações e não há psiquismo sem esses marcadores... (interrompido). Lírio do Sul - Mais uma coisinha. Esse O de que falas, tu tem certeza que é diferente do Logos da verdade e do Logos estético? Eu entendo que sejam estes conceitos que operam na práxis do desvelamento da coisa-em-si. Lembra que o Bion nas Cogitações ficou tergiversando se sua função alfa não seria o mesmo que a atenção ou que a repressão... Vitinho - Bem, ele diz que é necessário Fé para aproximar-se da coisa-em-si. Talvez devêssemos considerar que a estética (e a ética e sua verdade) nos diria onde a coisa-em-si está. Guasca - ...(foi impedido de interromper pois já chega)

O que é Filosofia?

O conceito de filosofia vigente é o de Sócrates, repetido por Popper (1975):

*Eu acho que todos os homens e todas as mulheres são filósofos, embora uns mais outros menos...sinto que há muito a ser dito por aqueles... que desconfiam dos filósofos acadêmicos... a filosofia não depende... deles... como a pintura depende dos grandes pintores...Sócrates... insiste em dizer que está consciente de suas limitações as quais não são sábias exceto talvez na conscientização de que ele não é um sábio mas um crítico, especialmente de toda a linguagem que soe difícil... Sou partidário da audácia intelectual... não podemos ser intelectualmente covardes e ao mesmo tempo buscar a verdade.... Não entendo por filosofia a solução de quebra-cabeças lingüísticos... rejeito o aspecto puramente estético da filosofia... **embora o belo seja importante na filosofia e na ciência... Não considero como filosofia a criação de sistemas filosóficos...(Esta, a propósito, é a razão porque não considero Fichte ou Hegel como verdadeiros filósofos: eu desconfio da sua devoção pela verdade)...** Não considero como filosofia a tentativa de analisar conceitos, palavras, significados... nosso objetivo deveria ser o de buscar verdades interessantes e importantes... Não considero como filosofia um modo de ser esperto... um tipo de terapia intelectual (Wittgenstein)... não considero como filosofia um modo de expressar as coisas com mais precisão ou exatidão... Não considero como filosofia a tentativa de suprir as fundações ou a estrutura conceptual para solucionar problemas... a filosofia britânica desde Locke permanece atolada nestas preliminares.. (empirismo) Não considero como filosofia a maneira de expressão do espírito*

de uma época... Existem modas na filosofia assim como na ciência mas um pesquisador genuíno da verdade não seguirá a moda...

A meu ver, os problemas da teoria do conhecimento formam o verdadeiro coração da filosofia...O que eu considero filosofia... nunca poderá ser divorciado das ciências...A maior parte do que ele (Habermas e Adorno) diz parece-me trivial; o resto parece-me errado. Eu lutei contra a imitação das ciências naturais pelas ciências sociais e pelo ponto de vista de que a epistemologia positivista é inadequada até mesmo em sua análise das ciências naturais...

Popper por vezes é divertido pois, extremamente crítico e é difícil vê-lo concordar com algo e sempre no espírito de suas *conjecturas e refutações* mostra com clareza o contraste entre dizer e fazer. O discurso é antifreudiano:

...Freud é um caso freudiano assim como Wittgenstein é um caso wittgensteiniano... mas a práxis é freudiana. ...parece-me que a conduta dos behavioristas que objetivam tomar o lugar do valor da liberdade pelo que chamam de reforço positivo, pode ser o sintoma de uma hostilidade inconsciente à ciência...

Popper supõe, como Hume, que a cognição e o modo de ver a realidade e teorizar sobre ela pode ser motivado inconscientemente (emocionalmente). E está reflexão crítica não é psicanalítica? Claro e resultou de seu convívio prolongado com Adler e Freud na Viena do início do século passado. Popper não considerou a estética e seu estudo como filosofia embora *considerasse a estética fundamental para a ciência*.

A *estética* é um ramo da filosofia relacionado com a essência e percepção de qualidades como o belo, o feio e o sublime. O termo foi introduzido em 1753 pelo filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten. Platão e Aristóteles consideravam a estética como inseparável da ética e, claro, das ações humanas, a moral e a política. Johann Gottlieb Fichte *considerou que as manifestações humanas a propósito da arte e da estética davam conta de propósitos humanos básicos, fundantes do humano*. Immanuel Kant acrescentara que consta na nossa estrutura de pensamentos – é um *a priori* – a possibilidade de considerar algo como belo ou feio, ético ou não. Provavelmente Popper consideraria trivial a posição de Nietzsche que considerava a arte como *o filtro para a crítica da verdade e afirmação da vida*, bem como a de Heidegger que considera a arte *a expressão do ser e da verdade de seu desvelamento; indicador de seu encontro*.

Quanto a nós, o que conta na nossa tarefa do dia-a-dia é o encontro com a experiência estética que torna *visível* o objeto da psicanálise.

A filosofia só aparece mesmo em nós quando estamos maduros o suficiente para nos perguntar sobre o problema do *ser*, da *essência* dos objetos; quando nosso aparelho de pensar pensamentos é capaz de se ocupar destas questões. Ainda não estamos às voltas com a filosofia simplesmente quando queremos encontrar a realidade última das coisas – no sentido fraco do termo.

Quando nos ocupamos dos objetos concretos estamos às voltas com o *realismo*; quando nos ocupamos de conceitos que são idéias – estamos às voltas com o *idealismo*. Sempre é assim, primeiro se vê um lado da moeda, o *realismo* e depois o outro, o *idealismo*. O *idealismo* aparece quando o objeto problematizado passa a ser o *conceito* do objeto. Junto com o conceito de objeto problematizamos o método de criação destes conceitos, os modos diversos (formas) da criação de conceitos que criam um objeto para cada método.

O objeto *pensado* enquanto único afasta-se portanto do objeto *conhecido* que sempre é múltiplo. A possibilidade de *pensar* o objeto único junto com a multiplicidade do objeto gerada pelos diferentes formas conceptuais é o que poderíamos chamar de *transdisciplinaridade*.

O que é Psicanálise?

A psicanálise é uma práxis crítica sobre os símbolos, alavancada no uso instrumental da história (memória) e das motivações (desejo) para alterar o futuro (torná-lo imprevisível ou não determinado); se possível o *novo futuro* será criado pelo arbítrio da subjetividade ou a subjetividade terá o encanto pelo novo e surpreendente devir da experiência emocional com a coisa-em-si. *É um modo instrumental de vivermos ao invés de sermos vividos*. Assim como *discorrer sobre música* difere de *ser músico*; onde músico pode ser um compositor – criador – um intérprete – decodificador e aplicador de teorias – ou um ouvinte, *mas com ouvido musical* capaz de captar a essência, seu O de como foi feita, falar sobre psicanálise ou conhecer psicanálise (K) não é o mesmo que ser ou ser tornado psicanalista, isto é, estar no O da psicanálise, aproximar-se da coisa-em-si, que corresponde à práxis psicanalítica, essencialmente subjetiva, ligada ao simbólico e que é práxis, ativa mesmo quando apenas se ouve e contém, ou não. A psicanálise só pode ser encontrada num

fazer crítico, num *tendere crítico* que foi o termo que Brentano escolheu para dizer da consciência - é uma ação sobre um objeto e quando estiver operando não poderá se auto-aplicar e não terá memória para o que faz. Só depois de feito algo poderá ser recuperado. Vejamos Heidegger:

Estamos ainda longe de pensar, com suficiente radicalidade, a essência do agir. Conhecemos o agir apenas como o produzir de um efeito. Sua realidade efetiva é avaliada segundo a utilidade que oferece. Mas a essência do agir é o consumir. Consumar significa: desdobrar alguma coisa até a plenitude de sua essência; levá-la à plenitude, producir. Por isso, apenas pode ser consumado, em sentido próprio, aquilo que já é. O que, todavia, "é", antes de tudo, é o ser.

Embora o conceito tenha ficado muito amplo, lembremos que a práxis mais se tem definido ou se subdividido, sub-definido pelos modelos teóricos instrumentais usados neste processamento. Na separação entre a Psicanálise e as Psicologia Profunda, Psicologia do Poder, (e talvez, Psicologia do Id, do Ego e do *Self*) foram determinantes para o que seja a psicanálise a consideração e crença nos seguintes elementos e atualmente forjados na tríade da práxis pessoal, supervisionada e experienciada: a existência do inconsciente, a repressão e a sexualidade infantil. Jones, para que a prática fosse aceita pela Sociedade Britânica de Medicina definiu os seguintes critérios: o conceito de uma psicologia dinâmica, a existência do inconsciente, a teoria dos instintos e da repressão, a sexualidade infantil e a dinâmica da transferência. Naturalmente, embora pouco referido, atualmente o relevante na distinção acaba sendo a teoria da técnica com, por exemplo, o princípio de abstinência, onde a teoria da falta, do *negativo* e sua sustentação como móvel da reconstrução separa os movimentos freudiano-kleiniano e pós-kleiniano do movimento da Psicologia do *Self* e suas derivações.

A definição de psicanálise que contemple sua multiplicidade de vertentes encontra dificuldades de ligar alguns emergentes atuais da psicanálise aos seus primórdios. A repressão supõe que o paciente deva liberar suas pulsões... a cisão supõe que ele deva encontrar suas partes expulsas, perdidas... a fragmentação supõe um sonho alfa, continente que permita a integração do *self*, é necessário acrescentar algo que faltou e falta... as psicologias do vazio... estar pulsionado, entregue às pulsões é temer a experiência do outro, a experiência do próprio *self*, de estar vivo... E o lugar da dor das faltas empáticas? Da fenda narcísica? O incrível é que o próprio discurso que pode ser interpretado, desvelado como castração revela mais que ela mesma; o manifesto diz mais do que o latente.: *A fenda, ferida narcísica. ... O pensar verdadeiro dispensa enunciado e pensador... a compulsão (não verdade, coluna 2) é o pensar*

em que enunciado e pensador são essenciais... Ou então, a teoria que usamos e que acabamos considerando adequada para dar conta do caso (e que deve ser evitada como memória e desejo e desejo de compreensão para se conseguir acessar O com o uso da Fé que permite a intuição) é simplesmente uma memória encobridora do vivido constituinte do aparelho psíquico em análise. Os primórdios ficaram distantes; fica difícil encontrar os invariantes (constantes) que nos permitiriam colocar todos estes conceitos no mesmo campo semântico.

Vejamos, num esforço hermenêutico como uma psicanalista de grande importância na modernidade pode ver a si mesma. Estes dados foram extraídos de um verbete enciclopédico feito por discípulos, o que dá os limites conceptuais práticos do que seja a psicanálise desta vertente.

Maud Mannoni (1923-1998) - seu nome verdadeiro é Magdalena van der Spoel; Maud é pseudônimo e Mannoni é o sobrenome do esposo, Octave - nasceu em Courtrai (Bélgica), acompanhou seu pai, diplomata, a vários países e passou parte da infância no Ceilão. Com a idade de seis anos, foi brutalmente separada da ama de leite cingalesa, Aya, por ocasião do retorno dos seus pais à Europa, evento traumático para ela. Reencontrou a serenidade junto ao avô materno, em Courtrai, com quem falava francês. A instalação dos seus pais em Amsterdã representou para ela uma nova ruptura... Eventos que de outra perspectiva seriam considerados como banais ou tomados como memórias encobridoras são determinantes, estruturantes de sua dramática enquanto não há mãe como pessoa - a ama de leite e quem falava francês é o pai. ...resistindo aos valores burgueses que tentavam lhe inculcar... Sua própria existência levou Maud Mannoni a se interessar pelos traumatismos da infância e pelas maneiras de enfrentá-los... trabalhou com Françoise Dolto, de quem recebeu formação e que lhe apresentou a seu futuro marido, Octave Mannoni, então em análise com Jacques Lacan, anticolonialista... nos anos 1960, ia regularmente a Londres para encontrar o psicanalista Donald Winnicott... Graças a Winnicott, ela encontra Ronald Laing, fundador da antipsiquiatria.... Laing havia lhe emprestado a idéia segundo a qual a loucura é uma passagem antes de ser uma doença mental e que é preciso encontrar um meio de observá-la fora dos muros da instituição psiquiátrica. ...imaginou, dessa forma, ao lado dos hospitais psiquiátricos uma "instituição de portas sem trancas"... A cura se inspira tanto na antipsiquiatria inglesa...

Posição Atual do Problema

Vamos revisar sumariamente o encontro dos argumentos filosóficos com os psicanalíticos na obra de Freud e depois em Bion.

Histórico: Freud e Bion

Os autores **mais** citados por Freud não são os filósofos e sim os poetas e escritores. Este achado é importantíssimo para nossa argumentação de que o *logos* estético é o *filtro para a crítica da verdade do conhecimento psicanalítico e seu modo de discurso, sua manifestação é a arte*. Parodiando Klee, tudo o que o psicanalista faz é tornar visível. Shakespeare é citado 34 vezes e Cervantes 2, Thomas Mann 4, Homero 9 e Dante 3. *Goethe* é citado 69 vezes e sempre elogiosamente.

... Goethe sempre estimou muito Eros, nunca tratou de diminuir seu poderio, seguiu suas manifestações primitivas e caprichosas com o mesmo respeito que as altamente sublimadas e, segundo me parece, defendeu tal unidade essencial através de todas as suas formas de manifestações com a mesma energia que, no seu tempo, o fez Platão..

Platão

Sócrates é citado uma única vez – e vamos repetir a citação - por Freud na sua crença de que não existem homens maus, o que existe são homens que não aprenderam a serem bons. *A neurose não é senão a consequência de uma espécie de ignorância de certos processos psíquicos que deveriam ser conhecidos pelo sujeito, definição que se aproximaria muito da teoria socrática segundo a qual o vício mesmo seria o efeito da ignorância*. Platão é citado com relevância nove vezes e é fundamental na obra de Freud. Pode-se afirmar que a obra de Freud é absolutamente platônica. Vejamos sobre o conceito de inconsciente e sobre a sexualidade infantil

'...Platão afirma que os melhores homens são aqueles nos quais só em sonhos ocorre o que os demais fazem despertados...deveríamos pensar nas palavras de Platão de que um homem virtuoso se satisfaz em sonhar o que o perverso realiza na vida... No que se refere à ampliação do conceito de sexualidade imposta pela análise de crianças e dos que denominamos perversos... recordamos como esta ampliação coincide com o Eros do divino Platão...' (As vezes o tom de sua fala era nietzcheniano): *'Não sabeis por acaso até que*

ponto maioria dos humanos é incapaz de dominar suas paixões quando se trata da vida sexual ou ignora que todos os excessos e todas as imoralidades que sonhamos à noite são diariamente cometidos e degeneram com frequência em crimes reais?... E agora, afastando-nos do individual, recordemos a grande guerra que acaba de devastar a Europa....'

Aqui, a notável fonte freudiana sobre a bissexualidade:

'Refiro-me naturalmente a teoria que Platão desenvolve a Aristófanos no Symposium (Banquete) e que não trata só da gênese do instinto sexual, senão também de sua mais importante variação com respeito ao objeto. "A natureza humana era no princípio muito diferente. Primitivamente havia três sexos, três e não dois como hoje em dia; junto ao masculino e ao feminino vivia um terceiro sexo, que participava em igual medida com os outros dois...Tudo nestes seres humanos eram duplos; tinham 4 pés, quatro mãos, dois rostos, genitais duplos... Mas Zeus se decidiu um dia a dividir a cada um deles em duas partes... Quando deste modo ficou dividida em dois toda a natureza, apareceu em cada homem o desejo de reunir-se a sua outra metade própria e ambas as metades se abraçaram, entrelaçaram seus corpos e quiseram formar um só ser..." Devemos por acaso, seguindo aos filósofos e poetas, arriscar a hipótese de que a substância viva sofreu ao ser animada uma fragmentação em pequenas partículas que desde então aspiram a reunir-se de novo por meio dos instintos sexuais? E que nesses instintos nos quais se continua a afinidade química da matéria inanimada, vão vencendo pouco a pouco, passando pelo reino dos protozoários...E que enfim tais fragmentos de substância viva... transferem em grande concentração o instinto de reunião às células germinativas?'

A teoria da libido como o Eros platônico. *'...com esta concepção amplificada do amor, a psicanálise não criou nada de novo. O Eros de Platão apresenta no que se refere a suas origens, a suas manifestações e a sua relação com o amor sexual, uma perfeita analogia com a energia amorosa, isto é, com a libido da psicanálise... e quando o apóstolo Paulo louva o amor em sua Epístola aos Coríntios e o situa sobre todas as coisas, concebe-o seguramente no mesmo sentido amplificado, do que resulta que os homens nem sempre tomam a sério seus grandes pensadores...A palavra grega Eros não é mais do que a tradução de nossa palavra Amor...'. A tradução da República direta do texto grego,*

edição de J. Burnet, 1949, por Maria Helena da Rocha Pereira, traz a seguinte nota: *Tem-se 'comparado (o texto que segue) com os versos do Rei Édipo de Sófocles (os mesmos que serviram a Freud para a sua distorcida interpretação do mito de Édipo)', p412. Como existem pequenas diferenças entre as traduções, optamos pelo trecho que consta em Durant, p45 que percebera a semelhança com a teoria freudiana, apontando inclusive a existência da repressão. Este tema está na República porque Platão estava convencido de que para bem governar era necessário conhecer o indivíduo e estava perplexo de quão pouco se sabia sobre a psicologia individual: 'Certos desejos e instintos que são considerados como ilegítimos; revelam-se ao que parece em todos os homens mas em muitos estão submetidos ao domínio da lei e da razão e, como instintos e desejos de ordem mais elevada prevalecem sobre eles, são eles totalmente suprimidos ou quebrados em sua força e número; em outros homens estes desejos revelam-se abundantes e fortíssimos. Refiro-me aos desejos que despertam quando o poder raciocinante e diretor da conduta está adormecido; o animal selvagem que temos em nós, só alimentado⁴ de materialidades, sai de seu antro e dá largas a sua vontade; não existe crime ou loucura, por mais vergonhosa e antinatural – como o parricídio e o incesto, que tais naturezas não cometam. Mas quando o homem está em sadio equilíbrio e vai dormir sob o sereno domínio da sua razão... tendo satisfeito sem excessos seus apetites... está ele com pouca probabilidade de fazer-se joguete de visões desordenadas... Em todos nós, ainda nos de melhor natureza, subsiste a fera que durante nosso sono abre os olhos e espia'* (Durant, 1966, p45 e A República, 571-573, p411-14).'

É inequívoco o fundamento teórico da obra freudiana, mas também o é a distância que estas idéias têm da obra freudiana. Não podemos esquecer que civilizações recuadas usaram a roda... em brinquedos... A psicanálise corresponde a uma práxis - provavelmente na tabela de Bion corresponderia H 5 e 6 na busca de O enquanto que o recém citado é K, F 3. O inconsciente pode ser encarado como uma morada temporária dos *númena transcendentais* da espécie humana, como a fonte original da forma das sombras na teoria da caverna de Platão e são descritos pela psicanálise como elementos relacionados às formas de Platão e à coisa-em-si de Kant. Estes elementos, sendo inconscientes, sempre serão desconhecidos, embora deles possa-se ter lampejos transitórios, aproximações a mistérios incognoscíveis da própria vida.

⁴ A tradução portuguesa de Maria Helena Rocha Pereira refere-se a *canibalismo* e a *comer qualquer coisa*.

Aristóteles

Aristóteles é citado onze vezes.

Ele acreditava na possibilidade de encontrar nos sonhos a indicação do início de uma doença da qual não haveria evidência durante a vigília, graças a magnificação que os sonhos dão às sensações e muitos médicos clássicos - e psicanalistas modernos - aceitaram esta posição dos sonhos como anunciadores de doenças. Mas, para Aristóteles o sonho não é senão a continuação do pensamento durante o repouso. Aristóteles teve razão ao afirmar que o fenômeno onírico é a atividade psíquica de quem dorme.

Na verdade, esta é a idéia atual onde está a neurofisiologia, as idéias de Ferenczi e Garma sobre o sonho *como pensamento, tentativa de resolver traumas* - e trauma é tudo o que o ego não pode conter, elaborar, suportar - que confrontam a idéia de Freud do sonho *como realização de desejo* pois também é ato psíquico, juízo, conclusão, refutação, hipótese e intenção. Para Aristóteles, acima do conhecimento *sensível* está o conhecimento *inteligível*, especificamente diverso do primeiro. Ele aceita a *essencial* distinção platônica entre *sensação* e *pensamento*, ainda que rejeite o inatismo platônico, contrapondo-lhe a concepção do intelecto como *tabula rasa*, sem idéias inatas. *O objeto do sensível é o particular, o contingente, o mutável, o material. O do intelecto é o universal, o necessário, o imutável, o imaterial, as essências, as formas das coisas e os princípios primeiros do ser, o ser absoluto.* Vai daí que a alma humana, conhecendo o imaterial, deve ser espiritual e, quanto a tal, deve ser imperecível. O conceito freudiano de que *todo encontro é um reencontro* é aristotélico. Ele o via na alegria do prazer artístico, do belo e este reconhecimento, reencontro é o que produz alegria ao vencer obstáculos, nos jogos, etc. Sustentava que a função do drama é despertar a piedade e o temor provocando a realização (catarse) de emoções. Este modo clássico de entender a arte, os espetáculos e a contemplação persistem hoje.

Kant

São onze as citações de Freud referindo Kant enquanto o criador do racionalismo é citado apenas quando Freud, a pedido, examina alguns sonhos de Descartes. As referências à Kant dizem sobre: A natureza moral do homem, capaz de discernir entre o bem o mal, entre a virtude e o vício que perduraria mesmo durante os sonhos; sendo que a função dos sonhos seria apontar nossas disposições ocultas e nos revelar quem poderíamos

ser se fosse diferente nossa educação. Para Kant (e Freud) *o louco é alguém que sonha desperto*. Esta idéia de relacionar a vida onírica à loucura, ao delírio e às alucinações remonta a Platão e é desenvolvida por vários fisiologistas alemães (Krauss, Hagen, Wundt). Já Bion sustenta que o louco é alguém que não consegue sonhar... Para Bion, os pensamentos oníricos são constituídos de partículas alfa enquanto os delírios de partículas betas, que não são pensamento, não têm notação, atenção e investigação.

Kant, sobre o humor, diz que ele exige sempre um breve instante de engano – o que introduz o retorno do reprimido da *Psicopatologia da Vida Cotidiana*. A questão nuclear de Kant em Freud quanto à *Crítica da Razão Prática* é o *Imperativo Categórico* que regula as normas e os tabus. *O imperativo categórico de Kant é o herdeiro do Complexo de Édipo*. Kant diz que nada lhe demonstrava tão convincentemente *a grandeza de Deus que o céu estrelado e nossa consciência moral*. Freud lembra que *Deus foi negligente pois a grande maioria dos homens não recebeu, senão muito pouca, tão pouca, que apenas pode dizer-se que recebeu alguma...*

Freud mostra com clareza que dominava o tema da *Crítica da Razão Pura* – que envolve a argumentação de Locke e Hume – sobre a divisão de senso-percepção, intelecto, idéias adquiridas e inatas – sobre o idealismo e sua divisão em empirismo e racionalismo:

A psicanálise nos obriga pois a afirmar que os processos psíquicos são inconscientes e a comparar sua (destes processos psíquicos inconscientes) percepção pela consciência com a que os órgãos sensoriais fazem do mundo exterior... A hipótese psicanalítica da atividade psíquica inconsciente constitui... uma continuação do animismo primitivo que nos mostrava em qualquer lugar imagens fiéis de nossa consciência... Do mesmo modo que Kant nos convidou a não desatender a condicionalidade subjetiva de nossa percepção e a não considerar nossa percepção idêntica ao percebido incognoscível (a coisa-em-si), a psicanálise nos convida a não confundir a percepção da consciência com os processo psíquicos inconscientes objetos da mesma (a consciência). Tão pouco o psíquico tal como o físico necessita ser em realidade tal como os percebemos. Porém temos de esperar que a retificação da percepção interna (de como a consciência vê a inconsciência) não oponha tão grandes dificuldades como a percepção da realidade externa e que os objetos interiores sejam menos incognoscíveis que os objetos do mundo exterior.

A essência da obra de Kant é a *definição dos limites do que pode ser conhecido*. O que podemos conhecer e o que não podemos conhecer. Kant introduziu esta moda. O Wittgenstein do *Tractatus...* (1922) ocupa-se dos

limites da *lógica* (como conhecimento) e o das *Investigações...* (1948) dos limites da *linguagem*. E Cassirer que mais nos interessa ocupa-se dos limites do *que pode ser simbolizado*. Na *Crítica da Razão Pura* Kant sustenta que julgamentos sintéticos *a priori* são possíveis - embora nosso conhecimento seja derivado da experiência, é possível conhecer objetos sem possuir experiência anterior deles. A questão é, como é possível a existência de julgamentos sintéticos *a priori*. As proposições analíticas estão contidas como componentes dos conceitos aos quais se referem - *todos os pais são homens* - e não tem seu valor derivado da experiência mas sim dos conceitos mesmos e necessariamente são verdadeiras ou falsas *a priori*. De outro lado, todo o nosso sistema de linguagem gerador de sentido é sintético pois é socialmente convencionado e necessita ser aprendido. Dizer que *este colchão é pesado*, para verificar seu valor de verdade, necessitaremos amplo contraste entre critérios. As proposições sintéticas são *contingentes* e, como tal, só são conhecidas como sintéticas *a posteriori*, depois da validação da experiência.

Os conhecimentos *a priori* são independentes da experiência embora a experiência seja necessária para a compreensão dos termos da proposição como em toda *a mudança é o efeito de uma causa* em que uma proposição *analítica* está fundada em vários termos *sintéticos* complexos. Desde Hume sabia-se que todas as proposições significantes poderiam ser *sintéticas e, claro, a posteriori* ou *analíticas e a priori*. Mas Kant sustentou uma terceira categoria, a das *proposições sintéticas a priori*. Ora, para isto, é necessário sustentar *uma realidade independente de toda a experiência possível e ele chamou esta realidade de realidade do numena*, o mundo das coisas como elas são em si mesmas, a coisa-em-si, ou realidade como coisa-em-si. Já as coisas como elas parecem para nós mesmos, o mundo que conhecemos pela nossa experiência dos sentidos chamou de mundo *fenomênico*, mundo dos *fenômenos*.

Kant sustentou que existem duas fontes para o conhecimento humano conforme sua origem: a dos *sentidos* e a do *intelecto*. Bion, no seu Bacharelado em Artes, estudou com o mais renomado kantiano inglês *H. J. Paton* e sua grade, como não poderia deixar de ser, têm duas entradas: *a tela beta* - que recebe os estímulos externos - e *as pré-concepções* - que, de dentro, buscam realizações no exterior - contemplando exatamente a perspectiva kantiana. Freud, na *Interpretação dos Sonhos*, embora discuta os sonhos em capítulos que considerem estímulos externos, internos psíquicos e internos somáticos, no capítulo VII, onde inconsciente é o que é reprimido só há uma entrada, a senso-percepção e aí Freud é empirista - *tabula rasa*; mas só aí; já no Inconsciente... descreve três conteúdos no inconsciente. Kant sugere que o modo como nós percebemos, identificamos e refletimos sobre os objetos têm uma forma ou estrutura que, de algum modo, contribui com nossa experiência. E que estas *condições (formas) para o conhecimento são as*

mesmas da objetividade. Todo nosso senso e compreensão é condicionado previamente pelas *formas de nossa sensibilidade* – é o que Freud sustenta quando diz que o espaço e o tempo são projetados no mundo e pelas *categorias de nosso entendimento* que são aprioristicamente independentes da experiência, mas que fazem a experiência tomar sentido. *Todas as categorias aristotélicas – quantidade, qualidade, relação, modalidade – agora são condições para a objetividade e são essenciais para julgar a experiência.* O aparato que nos mostra o mundo nos mostra segundo as categorias *a priori* do aparato. O que aparece para nós como objetos de nossa experiência são, de fato, produzidos como tais pelo nosso *aparelho de experiênciação* e seus *aprioris*. Mas nós não sintetizamos a realidade já que ela existe (ou não) independente de nós e, como ela existe independentemente de toda experiência e aparatos possíveis, ela permanece inalcançável quer pelos sentidos, quer pelo intelecto.

No *Mundo como Vontade e Representação*, Schopenhauer escreve:

'A obra de Kant produz modificações fundamentais em cada mente que tenha aprendido sua obra. Esta mudança é tão grande que pode ser considerada um renascimento intelectual. Sua obra sozinha é capaz de afastar o realismo das disposições originais do intelecto e obrigá-lo a ver o mundo de outro ângulo'.

O idealismo kantiano gerou as obras de *Johann Christoph Friedrich von Schiller, Johann Gottlieb Fichte, Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling and Georg Wilhelm Friedrich Hegel*. A influência de Kant, de Schopenhauer continua-se com Nietzsche e depois estendeu-se ao existencialismo moderno. Uma outra vertente – ocupando-se dos limites do que pode ser conhecido – chega a Wittgenstein e à moderna filosofia analítica. Uma terceira vertente aparece no racionalismo crítico (racionalismo científico) de Popper.

O conceito de *inconsciente* começa a esboçar-se na obra de Kant e é quase explícito na obra de Fichte e Schelling entre outros expoentes do romantismo e idealismo alemães. *Karl Robert Eduard von Hartmann* (1842-1906) metafísico alemão escreveu uma obra chamada *Filosofia do Inconsciente* em 1869.

Este conceito já estava maduro havia muito e na obra de Freud aparece como uma psicologia integradora de todos estes movimentos e como práxis ligada à Medicina. Os pensadores românticos a partir do discurso da arte agregam as paixões ao sensível, empírico já elaborado ao longo do milênio e instituído como paradigma pelos primeiros cientistas do Século das Luzes, como Bacon, Locke, Hume e Newton.

Mas a mente sempre teve seu lugar na poética, na música e em todas as artes. Só agora que aproximamos o sensível e o inteligível das emoções e da estética e da ética. Shakespeare, Beethoven, Schubert e Brahms, Goethe, Diderot, Voltaire e Rousseau e a prática médica anônima milenar sempre resguardaram estes fundamentos do humano.

O que opera contra esta noção de mente com critérios de verdade ético-estéticos?

O racionalismo empírico com a exigência da docilidade à lógica e à matemática; modernamente o consumismo para preencher almas vazias em corpos como conjuntos de órgãos desconectados, o narcisismo que se apossa do alheio, os *establishments* autoritários dos déspotas com seu braço econômico e a velha religião que se adona do místico e do devir.

Nietzsche

Nietzsche é citado 9 vezes.

Isto foi eu quem eis diz a minha memória; isto eu não posso ter feito diz o meu orgulho e permanece inexorável e por último cede a memória.

Há referência explícita a importância da obra de Nietzsche para a psicanálise:

Depois me privei do grande prazer de ler Nietzsche para evitar toda a idéia pré-concebida na elaboração das impressões psicanalíticas. ...a trabalhosa investigação psicanalítica não pode fazer mais do que confirmar a visão intuitiva do filósofo... Nietzsche... evitei lê-lo pois desejava conservar-me livre de toda influência... um de meus amigos me chamou a atenção sobre o fato de que Nietzsche sabia da existência destes delinquentes por sentimento do culpa... nos primórdios da história humana foi o pai da horda primitiva o super-homem cuja vinda Nietzsche esperava em futuro próximo. Freud, já em idade avançada, não foi delicado na referência em que homenageava Lou Andreas-Salomé quando de seu falecimento em 5 de fevereiro de 1937: Friedrich Nietzsche... Esta relação terminou bruscamente quando ela rechaçou a proposta de matrimônio que ele lhe fez.

Arturo Schopenhauer

Arturo Schopenhauer é citado referindo-se a extensão das influências da afetividade e dos impulsos sexuais exercem sobre o humano e suas inspirações; *o sonho é uma demência curta e a demência um sonho prolongado*. Admite que, como lhe mostrou Otto Rank num trecho do *Mundo como Vontade e Representação* quando tenta encontrar uma explicação para a demência diz da resistência oposta a aceitação de uma realidade penosa *coincide tão completamente com meu conceito de repressão...*

Freud claramente admite que muitos filósofos e artistas viram o mesmo que ele viu mas, evidentemente, o tratamento deste material dado pela psicanálise é altamente específico. Esta é a diferença fundamental e freqüentemente esquecida pelos românticos e exacerbada pelos clássicos

Thomas Hobbes de Malmesbury

Leviatã⁵ 1651tal a força de seu argumento, embora não referido por Freud, deve ser citado:

'Por conseqüência ou cadeia de pensamentos, entendo aquela sucessão de um pensamento a outro, que se denomina (para se distinguir do discurso em palavras) discurso mental. Quando o homem pensa seja no que for, o pensamento que se segue não é tão fortuito⁶ como poderia parecer. Não é qualquer pensamento que se segue indiferentemente a um pensamento... Esta cadeia de pensamentos, ou discurso mental, é de dois tipos. O primeiro é livre, sem desígnio, e inconstante. Como quando não há um pensamento apaixonado para governar e dirigir aqueles que lhe seguem, como fim ou meta de algum desejo, ou outra paixão. Neste caso os pensamentos vagueiam, parecem impertinentes uns aos outros, como acontece no sonho. Assim são comumente os pensamentos dos homens que não só estão sem companhia mas também sem quaisquer preocupações, embora mesmo então seus pensamentos estejam tão ocupados como em qualquer outro momento, mas desta vez sem harmonia, como o som de um alaúde fora de tom, ou, mesmo dentro do tom, tocado por alguém que não saiba

⁵Do hebraico liwjathan, 'animal que se enrosca', monstro do caos na mitologia fenícia, identificado na Bíblia, como um animal aquático ou réptil.

⁶Note-se a origem do determinismo psíquico.

*tocar*⁷. E, contudo, nesta selvagem disposição do espírito, o homem pode muitas vezes perceber o seu curso e a dependência de um pensamento em relação a outro. Pois num discurso da nossa atual guerra civil, que coisa pareceria mais impertinente que perguntar (como efetivamente aconteceu) qual era o valor de um dinheiro romano? Contudo para mim a coerência era assaz manifesta, pois o pensamento da guerra trouxe o pensamento da entrega do rei aos inimigos; este pensamento trouxe o pensamento da entrega de Cristo; e este por sua vez o pensamento dos trinta dinheiros, que foram o preço da traição; e daí facilmente se seguiu aquela pergunta maliciosa. E tudo isto num breve momento pois o pensamento é célere. O segundo tipo é mais constante por ser regulada por algum desejo ou desígnio... (p16)´.

Não é difícil encontrarmos nesta breve amostra de texto os conceitos de *inconsciente, processo primário, processo secundário, determinismo psíquico, desejo...* Hobbes, filósofo inglês construiu um sistema baseado na metafísica materialista, empírica, apontando que a solução para o problema mente-corpo consistia na redução da mente aos movimentos internos do corpo, aplicando os princípios da mecânica a todas as áreas do conhecimento com a dualidade de matéria e movimento. Na sua teoria ética derivou as regras do comportamento humano das leis de autopreservação e justificava as ações egoístas como naturais ao homem. Em sua teoria política sustentou que os governos e a justiça social são artificiais e baseadas em contratos sociais e só sustentadas pela força.

A hermenêutica

Pela semelhança quanto ao método operativo teórico com a psicanálise, devemos comentar brevemente sobre a hermenêutica.

Ela ocupa-se da busca do sentido de textos nas intenções e histórias vividas de seus autores ou então na relevância do escrito considerando o momento vivido pelos leitores.

Enquanto a filosofia analítica (Wittgenstein, Schlick e Carnap)

identifica o significado com referentes externos, fatos, coisas

E o estruturalismo (Saussure, Jacobson, Lyons)

⁷Note-se a origem da associação livre.

com o sentido gerado pelo arranjo lingüístico, gramatical das palavras e sons – morfemas e fonemas.

Enquanto a filosofia analítica tenta a depuração do sentido descontaminando-o da linguagem e se aproximando do behaviorismo, o estruturalismo limita o sentido à entrada dos dicionários, à semântica, de outro lado a hermenêutica aproxima-se do sentido gerado pela experiência vivida – é psicanalítica na sua essência. Para a hermenêutica os textos, o dito são modos de transmitir experiência vivida, crenças, convicções, dúvidas, esperanças de um sujeito a outro e de muitos ao futuro, o que torna a determinação do sentido matéria não científica no sentido de Popper, mas decorrente de uma práxis crítica conectada com a experiência vivida e com o senso comum, inacessível a teorias ou modelos científicos. *Não há prova possível para o individual.* A hermenêutica, dado seu modelo circular, espiralado, em que um elemento só é compreendido na relação com outros e que estes outros por sua vez ressignificam este – mais ou menos como dizer que a psicanálise é tudo o que um psicanalista faz enquanto psicanalista ou que a psicanálise é o estudo do inconsciente e que o inconsciente é a descoberta fundamental da psicanálise... – é discutível para a compreensão do passado e o problema adicional é que nada diz do futuro; embora esta crítica possa ser feita a todos os modos de interpretação.

Nada prevê; diferentemente dos modelos científicos cuja função básica é previsão, fundamento da refutabilidade.

Mas o fato é que não parece ser assim que as coisas se comportam. Quem, vendo um cérebro, seria capaz de prever a existência da mente com tão variáveis sistemas operativos? Na hermenêutica todos os níveis estão enlaçados e não parece haver nível inferior ou superior; o esforço de compreensão é empático – em que o interpretador projeta-se na mente do criador – autor, paciente.

Esta *empatia* é o princípio metodológico da *hermenêutica geral* de Schleiermacher e Dilthey. Estes autores acreditam que este método evitaria o *reducionismo* no estudo da história e das ciências humanas.

Sustentam que a investigação das interações e intenções humanas é mais parecido com a interpretação de um poema ou um discurso.

Dilthey distinguiu os achados gerados pelo seu método, denominado de *compreensão* dos achados gerados pelo método *científico hipotético (indutivo) dedutivo das ciências naturais* - científico. A *compreensão*, método fundamental para a hermenêutica metodológica envolve a

construção de um círculo do discurso à biografia do autor, a sua experiência vivida e a sua imediata circunstância histórica e novamente retorna ao autor e recoloca-se o discurso no seu mundo e no atual. A *interpretação* está na descoberta da *intenção* – *desejo* – do autor. Para Gadamer esta *compreensão* recria a *intenção encarnada no discurso* o que, naturalmente, torna o sentido não fixo e dependente do ouvinte. Naturalmente, já vimos o que Popper pensa disto.

Bion e sua vertente filosófica

Wilfred Ruprecht Bion, nascido de uma família de huguenotes (protestantes) franceses, obrigada a migrar pelo mundo - no Brasil o nome da família é Mion - inglês, nascido na Índia, apresentava com os títulos de DOS - Distinguido por Ordem de Serviço - no campo de batalha na França aos 20 anos; BA - Bacharel em Artes quando estudou filosofia, especialmente Kant e história - tirou seus supostos básicos de características da civilização grega, chinesa e judaica - e Médico Cirurgião e Médico Clínico. Seus primeiros textos epistêmicos - *Aprendendo com a Experiência, Elementos de Psicanálise e Transformações* - têm a influência direta do positivismo lógico do Círculo de Viena de Wittgenstein, Schlick e Carnap. Schlick foi o orientador da tese de Money-Kyrle, filósofo e amigo pessoal de Bion. Hume, Poincaré e Frege são citados por vez primeira em obras psicanalíticas. Em 1970, no auge de sua experiência, aos 73 anos mudou-se para Los Angeles e escreveu seu texto lapidar em que abandona o esforço depurativo descritivo da tentativa de cientificização da psicanálise que tentara até então - *Atenção e Interpretação*. É marcante que sua filha mais nova Nicola Bion seja lingüista - o MIT e a UCLA são templos da lingüística gerativo-transformacional de Chomsky que, em 1957 com sua *Estruturas Sintáticas* mudou o rumo epistêmico das ciências não dóceis à lógica e à matemática. É do LAD - embora seus fundamentos orgânicos com Lenneberg - que, provavelmente, emerge o O e o conceito Kohutiano de que o self sempre está a espera mesmo na senilidade de um sistema vincular que possa compor suas faltas.

Considerações finais: Sobre a viabilidade clínica destes conceitos

Como avaliar que é adequado, verdadeiro, dizer que *a paciente conseguiu a experiência emocional*? O problema é o mesmo que afirmar que algo é belo. Qual o valor e estatuto de tais juízos? Alertamos que este não é um problema apenas das disciplinas sob foco; a lingüística também tem o seu padrão ouro na *intuição do falante nativo*. Todo espectro desta

temática é desenvolvido por Kant em sua última *Crítica* a partir da idéia de gênio, (*criatividade individual mas comunicável*), introduzida pela *impossibilidade de reduzir o objeto estético ao inteligível e a senso-percepção*. É criativo, portanto, quando não se consegue rastrear as transformações à inteligência ou a senso-percepção. A obra de arte bem como a ética tem um senso comum que lhe dá universalidade, pois são geradores de e derivados de sistemas vinculares cuja instância mais alta é o *civis*, a civilidade. Este relato de um encontro psicanalítico pode ser entendido como obra de arte – Bion chamava seu consultório de atelier e dizia que toda interpretação deve conter viés científico, um estético-emocional e um místico... - de nenhum outro modo poderia sê-lo. Evidente que esta gestação estética, a função criativa relacionada à busca da verdade é o mesmo *Eros* platônico. É indispensável que o usemos como instrumento para o exercício da *empatia* e também não se entende *arte sem empatia*. Em Bion, esta noção estética da coisa-em-si, do fato do mundo está marcada como em O, enquanto o conhecimento formal do mundo está marcado como em K. O não se confunde com K.

Não é possível conhecer este aparelho que intui a ética, o belo, a estética; este aparelho criativo relacionado ao místico; só podemos nos aproximar dele.

Todo o K que podemos dele necessariamente está filtrado pela representação exigida para o acesso à linguagem, pois só há conhecimento na linguagem e na sua transmissibilidade, pelas teorias pressupostas no processo cognitivo e no final os pacotes – a linguagem - que carregam a criatividade ficam mais visíveis do que os conteúdos.

*A mente é um fardo pesado demais para a mula dos sentidos
carregar*

É o que disse Bion e talvez devêssemos acrescentar

e para morar na linguagem e na comunicação.

Os conteúdos – o material, os fatos selecionados – são gerados pela mobilidade do analista e não por funções semânticas, formais, lógicas ou pragmáticas no sentido da categoria do discurso que amarra a semântica ao contexto. O O não mora na linguagem. A coisa mais absurda é ouvir de um analista que ele segue estritamente as associações...Esta ignorando que é algo que ele não conhece que escolhe algumas dentre as inúmeras associações...

Para a tramitação do tratamento, devemos considerar os seguintes *fatos selecionados*: O *pensamento* só ocorre quando a pré-concepção ao encontrar a *não coisa*, a não realização, algo que não a sature, cria

condições para a existência de um aparelho capaz de pensar os pensamentos; a *concepção* se dá quando a pré-concepção se satura ao encontrar sua realização. Mas, sobretudo, lembremos que o mestre só aparece quando o aprendiz está pronto... A *não verdade e a mentira* precisam de pensadores para serem criadas enquanto o pensamento não necessita de pensador. E o marcador da emergência do pensamento é a estética. Para encontrarmos a realidade última, o horizonte, a coisa-em-si, o O, necessitamos de um ato de fé (F), um movimento inconsciente e voltado para o devir, para o futuro e de modo não saturado, sem memória, sem desejo de compreensão ou não e sem futuro – isso não tem nada ver com fé em Deus. Se considerarmos, como Freud

a consciência ligada à linguagem – e com Cassirer que a simbolização estrutura múltiplos níveis de consciência - como o órgão sensitivo para apreender as qualidades psíquicas e capaz de tomar o inconsciente como objeto, como coisa-em-si na sua natureza mais profunda, última, infinitamente geradora, manifesta na turbulência do encontro psicanalítico, no fato absoluto da sessão, temos de admitir que ele não pode ser conhecido; só podemos perguntar por ele. Só podemos dizer dele como um ver-sentir, só podemos torná-lo visível. Será sempre como o horizonte para os nossos olhos – podemos nos orientar por ele, sabemos onde está mas não chegaremos nele.

Bion, no *Aprendendo com a Experiência* quando se refere, a partir do modelo do bebê, à turbulência afetiva de sua relação com o seio, dividido entre a gratificação concreta do leite e a psíquica, empática do olhar espelho da mãe, sustenta que

'a necessidade de amor, de compreensão e de desenvolvimento mental, não podendo, agora, ser satisfeita, desvia-se na direção da busca de comodidades materiais. Uma vez que se reforçam os desejos pelas comodidades materiais, a ânsia pelo amor permanece insatisfeita e se transforma em voracidade arrogante e desorientada'; isto é, para Kohut, o bebê ficaria pulsionado.

No dia-a-dia da psicanálise podemos imaginar a ânsia de conhecimento do psicanalista, sua avidez por teorias, o desespero para encontrar uma tábua de salvação da turbulência, da dificuldade de manter o vínculo emocional e psíquico consigo mesmo durante os encontros. Freud tinha chamado a atenção do analista ao recomendar a atenção flutuante, a suspensão da atenção, o sonho. Bion recomendou o

fluctuat nec mergitur de Paris (*açoiado pela tempestade mas não submergido*)

Conforme sua tradição guerreira, ao propor um trabalho no tempo presente, sem memória, sem desejo (e mesmo sem desejo de compreensão), sem sensação e interessado apenas no que acontece na sala, durante a sessão, num estado de quase-sonho (ou alucinação). A tentativa é captar o todo, a coisa-em-si, o O. A mente, se aderida a mapas, sistemas teóricos prévios, estará operando na posição esquizo-paranóide e devemos nos atilar para o fato que estamos temendo algo novo; embora esta posição seja único lugar onde ela é criativa – pela partição e reestruturação de novos elementos em outras idéias – é desse mesmo lugar onde nasce a intolerância, as convicções, as idéias supervalorizadas, os idealismos e subjetivismos da história da filosofia, as metafísicas afastadas dos fatos, os dogmatismos autoritários que descrevem e não tem fé que a realidade exista e só lhe resta criar uma realidade, que por sua parcialização melhor seria chamada de *realidade psíquica coluna 2 do Bion ou pseudo-realidade psíquica*. Ou, mais de acordo com os consumismos e modismos, a crença dos materialistas evolucionistas do *Deus ex-machina, o fantasma na máquina* retornando com descrições detalhadas da atividade nervosa superior no nível anátomo-funcional. Mal sabem que este conhecimento parcial, tomado como totalizante é um *delírio científico*.

Devemos manter a fé - não há outro modo de fazê-lo que não seja com fé - de que existem pensamentos sem pensador, existe uma realidade da mente do paciente que está lá aguardando um continente onde poderá emergir com seu padrão característico.

Ernest Cassirer (1972) sustenta

que não podemos pensar sem imagens e tão pouco intuir sem conceitos

A propósito da conhecida afirmação kantiana de que

conceitos sem intuições são vazios e intuições sem conceitos são cegas

Onde se vê que conceitos e intuições são pré-condições para o conhecimento – e propõe substituir *imagens* por símbolos:

o intelecto humano é ávido e só é o que é por símbolos e não há símbolos sem o outro

Na teoria psicanalítica a existência de símbolos depende da passagem da posição esquizo-paranóide para a depressiva, da função alfa que opera sobre os elementos beta e permite as sublimações primárias como descreveu Klein; caso contrário o máximo que conseguimos são as equações simbólicas. A própria formação do ego na teoria freudiana clássica supõe a simbolização; o processo identificatório mesmo, já é um processo criativo em que se percebe invariantes. O símbolo fica dentro de quem simboliza – se não posso *ter*, vou *ser* – mas um símbolo não tem existência real, não é parte do mundo físico, o que ele tem é significado que será dado pelo sujeito mesmo e pelo outro. Perdida a função simbólica, só persiste o real. No dizer de Cassirer:

...quando a função simbólica esta prejudicada, perde-se a distinção entre o real e o possível...

Sempre estamos sob ameaça de não suportar o não ter e perder as funções egóicas no processo conhecido como reversão da função alfa com transformação em alucinose e projetiva – equação simbólica, pensamento concreto, pulsão pura quando construímos o mundo. Se lembrarmos que toda experiência é *transitória*, que os eventos não se repetem nunca – *oportunidade perdida é oportunidade que não volta mais* – devemos nos perguntar que *invariantes*, que *constantes* nos dão nosso senso de identidade, limites e integridade do *self*.

Devemos considerar que o passado não fantasmagoriza o presente, não o molda, não se repete. Tal como o sonho que tenta resolver um problema; *a transferência é uma transiência na busca de conhecimento, de soluções e a próxima vez que aparecer perguntará diferente, num contínuo processo de devir, vir a ser, tornar-se, estar em O, correndo atrás do horizonte*. Todo gesto criativo – assim como toda interpretação, como toda a participação do analista na sessão, para incluir o *conhecimento não pensado* do analista - deve conter elementos abertos, não saturados, valências capazes de se realizarem em conceitos mas também de se expandirem e se renovarem com novas realizações. Mas sobretudo, deve desenvolver o aparelho capaz de suportar (tolerar a frustração) a *não coisa*, a não realização, o aparelho de pensar pensamentos. Devemos estar sempre na busca da coisa-em-si, do não simbolizável, do indizível.

Referências bibliográficas

- Bion, W. R. (1948a) - Psychiatry in a time of crisis, *British Journal of Medical Psychology*, volXXI.
- Bion, W. R. (1948b) - Experiences in groups, *Human Relations*, vols. I-IV, 1948-1951, Reprinted in *Experiences in Groups* (1961).
- Bion, W. R. (1950) - The imaginary twin, read to the British Psychoanalytical Society, Nov.1, 1950. In *Second Thoughts* (1967).
- Bion, W. R. (1954) - Notes on the theory of schizophrenia. Read in the Symposium "The Psychology of Schizophrenia" at the 18th International psychoanalytical congress, London, 1953 *International Journal of Psycho-Analysis*, vol35. Reprinted in *Second Thoughts* (1967).
- Bion, W. R. (1955a) - The Development of Schizophrenic Thought, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol37. Reprinted in *Second Thoughts* (1967).
- Bion, W. R. (1955b) - Language and the schizophrenic, in M. Klein, P. Heimann and R. Money-Kyrle (editors). *New Directions in Psychoanalysis* (p220 - 239). Tavistock Publications, London, 1955.
- Bion, W. R. (1957a) - The differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol38. Reprinted in *Second Thoughts* (1967).
- Bion, W. R. (1957b) - On Arrogance, 20th International Congress of Psycho-Analysis, Paris, in *Second Thoughts* (1967).
- Bion, W. R. (1958) - On Hallucination, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol39, part 5. Reprinted in *Second Thoughts* (1967).
- Bion, W. R. (1959) - Attacks on linking, *International Journal of Psychoanalysis*, vol40. Reprinted in *Second Thoughts* (1967).
- Bion, W. R. (1961) - *Experiences in Groups*, London: Tavistock.
- Bion, W. R. (1962a) - A theory of thinking, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol43. Reprinted in *Second Thoughts* (1967).
- Bion, W. R. (1962b) - *Learning from Experience* London: William Heinemann. [Reprinted London: Karnac Books,]. Reprinted in *Seven Servants* (1977e).

- Bion, W. R. (1963) - *Elements of Psychoanalysis*, London: William Heinemann. [Reprinted London: Karnac Books¹]. Reprinted in *Seven Servants (1977e)*.
- Bion, W. R. (1965) - *Transformations*. London: William Heinemann [Reprinted London: Karnac Books 1984]. Reprinted in *Seven Servants (1977e)*.
- Bion, W. R. (1966) - Catastrophic change, *Bulletin of The British Psychoanalytical Society*, 1966, N°5.
- Bion, W. R. (1967a) - *Second Thoughts*, London: William Heinemann. [Reprinted London: Karnac Books 1984].
- Bion, W. R. (1970) - *Attention and Interpretation*. London: Tavistock Publications. [Reprinted London: Karnac Books 1984].
- Bion, W.R. (1973). *Bion's Brazilian Lectures 1*. Rio de Janeiro: Imago Editora. [Reprinted in one volume London: Karnac Books 1990].
- Bion, W. R. (1974) - *Bion's Brazilian Lectures 2*. Rio de Janeiro: Imago Editora. [Reprinted in one volume London: Karnac Books 1990].
- Bion, W.R. (1975). *A Memoir of the Future, Book 1 The Dream*. Rio de Janeiro: Imago Editora. [Reprinted in one volume with Books 2 and 3 and 'The Key' London: Karnac Books 1991].
- Bion, W. R. (1976a) - Evidence. *Bulletin British Psychoanalytical Society N° 8*, 1976. Reprinted in *Clinical Seminars and Four Papers (1987)*.
- Bion, W.R. (1977a). *A Memoir of the Future, Book 2 The Past Presented*. Rio de Janeiro: Imago Editora. [Reprinted in one volume with Books 1 and 3 and 'The Key' London: Karnac Books 1991].
- Bion, W.R. (1977b). *Two Papers: The Grid and Caesura*. Rio de Janeiro: Imago Editora. [Reprinted London: Karnac Books 1989].
- Bion, W.R. (1979a). Making the best of a Bad Job. *Bulletin British Psychoanalytical Society*, February 1979. Reprinted in *Clinical Seminars and Four Papers (1987)*. [Reprinted in *Clinical Seminars and Other Works*. London: Karnac Books, 1994].
- Bion, W.R. (1980). *Bion in New York and São Paulo*. (Edited by F. Bion). Perthshire: Clunie Press.

Bion, W.R. (1987). *Clinical Seminars and Four Papers*, (Edited by F. Bion). Abingdon: Fleetwood Press. [Reprinted in *Clinical Seminars and Other Works*. London: Karnac Books, 1994].

Bion, W.R. (1992). *Cogitations*. (Edited by F. Bion). London: Karnac Books.

Cassirer, E. (1924) *Linguagem e Mito*. Rio de Janeiro, Editora Perspectiva, 2000.

Cassirer, E. (1926) *A Filosofia das Formas Simbólicas I A linguagem*. São Paulo, Mastins Fontes, 2001.

Freud, S. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. - CD-ROM. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Utilizada também a versão eletrônica em espanhol para busca de dados: -Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988.

Merleau-Ponty, M. (1945) *Fenomenologia da Percepção*. Martins Fontes, Rio de Janeiro, 1999.